

ADMINISTRAÇÃO PROFILÁTICA DA EFEDRINA EM CÃES: EFEITOS NA PRESSÃO ARTERIAL INTRAOPERATÓRIA

Nome

Juliana Moreira Santos

Orientadora

Marcia Aparecida Portela
Kahvegian

Instituição: Universidade Cruzeiro do Sul

Introdução

A pressão arterial é reduzida pela maioria dos agentes anestésicos gerais, sendo tal redução atribuída à vasodilatação e queda do débito cardíaco e é exacerbada na presença de hipovolemia¹. A hipotensão arterial pode levar a sinais de choque e isquemia de órgãos vitais, resultando em disfunção orgânica e, finalmente, falência de múltiplos órgãos². Nesse sentido, se utilizam fármacos inotrópicos positivos e vasopressores na tentativa de minimizar a ocorrência de hipotensão e hipoperfusão tecidual, condições associadas ao prognóstico reservado no pós-operatório. A efedrina é um agente simpatomimético de ação mista, sendo um agonista tanto dos receptores alfa, quanto beta adrenérgicos, promovendo aumento da frequência cardíaca e da resistência vascular periférica por liberação de catecolaminas circulantes³.

Objetivo

Comparar o efeito da efedrina administrada profilaticamente, na pressão arterial perioperatória e quantificar a quantidade de fármaco vasoativo utilizado no transoperatório em animais tratados ou não com a efedrina.

Metodologia

Foram utilizados 12 cães, ASA I e II, distribuídos aleatoriamente em dois grupos denominados Grupo EFEDRINA (n= 06; administração profilática de efedrina na dose de 0,2mg/Kg previamente à MPA) e Grupo PLACEBO (n= 06; administração de placebo na dose correspondente de efedrina previamente à MPA). Os animais foram pré-medicados com a associação de acepromazina e meperidina IM, induzidos com propofol IV e mantidos em anestesia geral com isoflurano. Em casos de PAS < de 90 mmHg ou PAM < de 60 mmHg, foi efetuado o manejo da hipotensão (fig. 1). Foram avaliados parâmetros hemodinâmicos, metabólicos e de oxigenação, a cada 10 minutos, além de perda de sangue intraoperatória e necessidade de fármacos vasopressores durante a cirurgia.

Resultados

Projeto em andamento. O estudo foi do tipo cego, no qual uma pessoa não relacionada à anestesia e ao procedimento cirúrgico realizou a manipulação de efedrina ou placebo. Portanto, o avaliador dos parâmetros desconheceu o grupo em questão.

Bibliografia

1. DAUNT, D. A. Supportive therapy in the anesthetized horse. *Veterinary Clinics of North America. Equine Practice*, v. 6, n. 3, p. 557-574, 1990.
2. MCMILLAN, S. Anesthetic Complications and Emergencies. In: BRYANT, S. *Anesthesia for Veterinary Technicians*. 1º ed., USA, Wiley Blackwell, p. 172, 2010.
3. WESTFALL, T. C.; WESTFALL, D. P. Agonistas e antagonistas adrenérgicos. In: BRUNTON, L. L. *Goodman & Gilman - As Bases Farmacológicas da Terapêutica*. 10º ed., Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Mc Graw- Hill Interamericana do Brasil, p. 234, 2006.